

Cada texto, um amigo

Dei comigo, há semanas, a pensar pela primeira vez que qualquer texto podia continuar a ser escrito para sempre. Nunca tinha pensado na ideia de um texto que continuamos a escrever a vida inteira, sempre o mesmo, texto que, no limite, pode ter apenas um parágrafo.

Pensei no que seria passar a vida com esse texto; vê-lo transformar-se, à medida que nos transformássemos, corrigi-lo, acrescentá-lo, emendá-lo, reescrevê-lo para sempre.

Mais comum é a ideia de que alguns autores passaram a vida inteira a escrever o mesmo livro. Mas esta é uma possibilidade diferente: a de envelhecermos na companhia de um único texto, como envelhecemos na companhia de certas pessoas, que aprendemos a amar e vamos odiando, conhecendo, desconhecendo.

Mais e mais, esse texto se parece com uma pessoa íntima, pois é difícil conceber uma relação tão longa com alguma coisa diferente. Mas um mesmo texto escrito durante toda a vida pode parecer-se com uma casa, construída enquanto vivemos nela, e onde nos fomos safando, apesar de tudo o que não estava bem, resignados quanto às suas imperfeições: paredes por pintar, soalho velho, canalização antiquada, infiltração no telhado. Obras de Santa Engrácia, esse texto contínuo, que não acabamos nunca, porque não pode ser acabado, e porque nunca o podemos desabitar.

Parece-se com um lugar, nunca abandonado, e a vida com ele como aquela que têm as pessoas que nasceram e morreram na

mesma vila ou, até, no mesmo quarto. Mas não precisa de ser um conforto, um porto de abrigo. Concebo que possa ser um problema perene, que não somos capazes de abandonar nem de resolver.

Concebo que qualquer texto tem a qualidade potencial deste texto e pode, como ele, nunca estar, nem ver-se, terminado; que este texto-gente, texto-abrigo, possa ser escrito ao longo de toda uma vida.

Ele não difere de todos os textos que damos por terminados. A palavra 'fim' é apenas uma interrupção forçada, na medida em que podíamos continuar o que escrevemos, preservando um mesmo fôlego contínuo, até à morte, igualmente soluçado, por vezes sôfrego, por vezes brando: texto que podemos esquecer numa gaveta anos a fio e, depois, lembrarmo-nos dele, sem que tenha deixado de ser escrito durante esse lapso em que o abandonámos, como a um amigo.

Escolhemos parar, mas poderíamos não o fazer. Escolhemos recomeçar, mas poderia ser diferente. E não porque buscaríamos um ideal qualquer de perfeição, mas apenas porque não estava feito e escrevê-lo se tinha misturado com a vida. Mediria a passagem do tempo, das idades, das várias formas tomadas pelo corpo e pela vida, como acontece com os objectos e as pessoas que nos acompanham e se vão tornando parecidos com as marcas que temos no rosto, também eles gradualmente doentes, pouco ágeis. Talvez esse texto envelhecido não se encaminhasse, de modo algum, para a legibilidade e a clareza mas, cada vez mais, para doença, o entorpecimento, o silêncio. E tendo-nos acompanhado, talvez se fizesse, no final, incapaz de ser lido ou partilhado, como os pensamentos que morrem connosco sem que ninguém os decifre.

Se vivêssemos no mesmo texto toda uma vida, talvez no fim não sobrasse nada que se conseguisse ler. E nem uma só palavra. O texto perene talvez não possa ser lido e se preencha tanto do que nele escrevemos como dos não-ditos, das exclusões, das omissões, dos silêncios. Não valeria como nosso testamento, contradizendo a suposição de que seria a nossa melhor autobiografia. Subsistiria não enquanto testemunho, mas enquanto alguém, alguma coisa, que nos conheceu por dentro. Talvez, no final, não restassem pa-

lavras, porque não as tínhamos encontrado, ou porque tínhamos apagado todas.

Se qualquer texto contém esta virtude da sua continuidade, o que é então o fim senão a interrupção que nos permite dizermos que estamos vivos, concluindo alguma coisa? E, no entanto, o texto perene revela-nos a condição de amizade da literatura, a maneira como cada texto é um amigo, mesmo quando nos massacra. Se ele não termina nunca, é possível que até a nossa morte fosse para este amigo apenas uma interrupção reversível, uma questão de achar quem o continuasse. E, ele mesmo, texto-estrada, um género de espírito, pronto a habitar outra casa, onde outros viveriam, construindo-a, sem nunca conseguirem acabá-la.

O teu Fernando Pessoa

Comenta-se, por vezes, o modo como o estudo da literatura pode destruir o gosto pela literatura. Pretendo pensar num problema da família deste, que, parecendo acerca da percepção pessoal que temos de certos autores e da nossa relação pessoal com eles, é também um problema relacionado com o estudo da literatura. Consiste em deixarmos de reconhecer, ou em não reconhecermos, os nossos autores predilectos no que se escreve sobre eles, como se o que se escreve sobre eles nos afastasse cada vez mais da ideia que deles fazíamos e do amor que lhes tínhamos. Passei muitos anos a ler poesia de Álvaro de Campos no mesmo exemplar de uma edição antiga da Ática e estou convencida de que só se publicou Campos nessas edições, ideia a que as próprias noções de reedição, releitura, transcrição e descoberta são estranhas e que, de certo modo, excluem. Garantem-me, garanto, que esse é só o teu Fernando Pessoa, Campos escreveu mais, até escreveu prosa. Não sei contudo, honestamente, se existe outro.

O teu Fernando Pessoa escreveu “O Guardador de Rebanhos” à cómoda, há cem anos, o que nenhuma filologia ou exegese desmistifica. É uma figura sombria cujos feitos e glórias não interessa muito datar e, em certo sentido, nunca interessou perceber a fundo: é mais próximo de um modo de viver. Muito tempo depois de tardes pessoanas com amigas, em 1998, fui aconselhada, já na universidade, a uma certa incredulidade quanto ao triunfalismo do dia triunfal de Fernando Pessoa. Creio que nem tudo era tonto no nosso

olhar de leigas, e que havia qualquer coisa de uma posteridade desejável nessas tardes pessoanas e naquilo em que então acreditávamos sobre o próprio Fernando Pessoa. É como se me parecesse que a nossa credulidade é importante para entender a poesia de Pessoa e a poesia em geral no contexto das nossas vidas. A proliferação do discurso crítico sobre os autores de que gostamos, ou o seu estudo, pode depois desinteressar-nos deles, arrastando-nos da ignorância para um desinteresse que às vezes lamentamos, lendo-os menos. Os nossos poetas são por vezes não aqueles que lemos, mas os marcadores da nossa inassiduidade, até serem, enfim, um ou dois versos e imagens fortes, a memória duma tarde em que se leu Caeiro, ou de se bordar Campos num paninho. Mesmo então, interessa pensar no olhar dos leigos que fomos, na relação da ignorância com a afeição.

Não se trata de encontrar valor na ignorância, ou de simplesmente não reconhecer o teu Fernando Pessoa em revelações filológicas ou na crítica, mas de nos perguntarmos a respeito de um modo particular de cativo que depende de uma certa obscuridade, por mais que me custe admitir. A obscuridade que deixa na sombra os tipos de tinta, os tipos de papel, as datas exactas, a marca do casaco com que Pessoa se deixou fotografar e, em alguns casos, até mesmo o que quis dizer. Em relação aos nossos heróis, as tentativas da crítica e da filologia de reconstruir imagens cada vez mais fiéis das suas vidas e obras podem ser recebidas por nós com uma recomendável indiferença.

Sobre leigos e peritos, Pessoa escreveu, num texto sobre sufrágio político:

Em matéria de assuntos sobre que se possam ter opiniões, há (1) assuntos sobre os quais há ciência, (2) assuntos sobre os quais não há ciência mas há experiência e (3) assuntos sobre os quais não há ciência nem experiência. Sobre os primeiros, é evidente que pode haver opiniões técnicas, e que essas, em princípio, deverão prevalecer sobre as dos que não são técnicos ou peritos; mas aqui mesmo há que distinguir entre os assuntos sobre que há ciência certa — como, por exemplo, o coeficiente de dilatação dos metais —, e aqueles sobre que há ciência teórica, como, por exemplo, a